

A Batalha do Cruzeiro

Sistema Capela – Órbita do planeta Aurig

— Atenção todos, aqui é o Almirante Avenluz Pastiano do cruzador Liberas. Hoje vamos à nossa derradeira batalha pela liberdade dos planetas do núcleo galáctico. Goodles, Antares e várias de suas colônias sofrem os desmandos da Armada Veneno. Mizzarianos percorrem nossos sistemas matando e pilhando livremente. Vazzionianos mantêm Goodles sob um regime cruel e ditatorial, levando nossos irmãos de longa data à destruição. E nós, antarianos, sofremos com a constante pilhagem do Império Arturiano, que agora também tem o Palácio Carmesim sob a mira de seus canhões. Chegou a hora de mudarmos o rumo dessa história e mostrar que os planetas do núcleo, unidos, podem se defender. Junto a nós estão as forças do planeta Goodles, unidas pelo Almirante Rafael, a frota canusiana sob o comando do Capitão Artacus Vortavox e a armada capelina sob o comando da Almirante Elendina Muscava. Sabemos do tamanho de nossa missão, mas não percam a esperança. Contamos com cada um de vocês para fazer seu trabalho nesse momento crucial. Que possamos sair com a vitória! Pela liberdade dos planetas!

Pastiano era baixo e atarracado. Seus cabelos encaracolados, já escassos, e um grosso bigode loiro eram sua marca registrada. Estava em uma posição que sempre imaginou, mas tinha medo de quando ela pudesse chegar. Desde o início da rebelião, ele foi contra a inércia do Imperador frente às ameaças arturianas. Pastiano sentia falta de sua família, principalmente de seus netos que ficaram em Antares. Em um pequeno escapulário que trazia amarrado ao pescoço, observou a foto dos três. Seus dedos grossos passaram carinhosamente pelo rosto deles como se pudesse acariciá-los à distância. Olhou as estrelas esvaindo-se na dobra espacial e soube em seu íntimo: não voltaria para casa.

Foi assim que a Frota Branca nasceu. As forças unidas da rebelião antariana, Goodles, Canus e Capela. Os Antarianos possuíam o menor número de naves, com apenas dois cruzadores e quase trinta menores. Os Goodlesianos não eram conhecidos por terem encouraçados ou cruzadores de guerra e seguiam com trinta corvetas. A Armada Capelina, apesar de pequena, era bem armada; tinham seis cruzadores, dois encouraçados e pelo menos sessenta fragatas. Os canusianos seguiam com quatro encouraçados, quatro cruzadores e vinte fragatas, somando 158 embarcações de ataque. Menos da metade da Armada Veneno estacionada no sistema Gacrux.

O alto comando do almirantado esperava a providencial ajuda de Canopus, onde o embaixador canusiano Zustras Askro tentava um apoio militar. Sem ele, a derrota era certa. A apreensão era palpável. A frota se reunia, o tempo passava rapidamente, era como se a luz das estrelas piscasse de ansiedade. Não havia mais tempo. Canopus teria que ir até eles. Onde estavam? Nenhuma notícia.

— Atenção! Ao meu comando, vamos para o sistema Gacrux, onde a Armada Veneno está estacionada. — Navegador, programar curso — falou o Almirante Pastiano. — Curso programado, Almirante. — Acionar.

Zendar16 Sustra – Vestiário

Karas estava no vestiário olhando fixamente para o uniforme vermelho à sua frente, pendurado. Ouvia ao longe o barulho dos chuveiros. O uniforme de primeiro oficial fez sua mente vagar ao passado:

Em pé na ponte de comando, logo atrás do líder da corveta Arturiana, observava atentamente o trabalho dele. Fora enviado pelo General Thade para confirmar a missão. — Capitão, a nave antarianana está se aproximando. Três minutos para contato visual. — Tático, preparar armas. Dois torpedos. Diretamente no motor de dobra. Ao meu comando. — Alvo travado. — Fogo!

A Imperial Zeta 33 Sendas não teve tempo de manobrar ou sequer de saber o que estava acontecendo. Os dois torpedos de prótons atingiram em cheio o motor de dobra, causando uma reação em cadeia que a explodiu completamente. Jamais saberiam o que os atingiu. Cento e vinte vidas foram tiradas instantaneamente, entre elas a do pacificador Azir Krull, que estava a caminho de um acordo de proteção com Capela. Era o início da Guerra do Núcleo.

— Embarcação destruída — informou o tático. — Abra comunicação com o General Thade. — Comunicação aberta. — General, missão cumprida. Não houve sobreviventes. As manobras de invasão já podem começar. — Bom trabalho, oficial — respondeu a voz do outro lado. A comunicação foi encerrada sem mais palavras. — Navegador, traçar rota para o QG da armada.

"Seria ele, um Arturiano que observou o estopim de uma guerra sangrenta, apto a vestir o uniforme de quem foi cúmplice do assassinato?", pensou. Pela primeira vez em sua vida, estava nervoso e com medo. Seus dedos tamborilavam freneticamente no banco. O uniforme parecia pequeno demais. Olhou-se atentamente no espelho e viu o reflexo distante de sua família, um símbolo de que agora ele seguia pelo caminho correto.

Azrael passou por ele já vestido e perfumado com sua loção de sândalo, sentindo ligeiramente as emoções do amigo. — Esquece o passado, Karas. Você está construindo um novo futuro, e essa construção sólida é que vai definir quem você é realmente — deu um tapa em seu ombro e saiu.

Karas ponderou as palavras. “*Construir um novo futuro*”. Vestiu a roupa, endireitou-se e seguiu para a ponte de comando.

Zendar16 Sustra – Ponte de Comando

O discurso do almirante tinha acabado de passar nos alto-falantes quando Muriell se sentou em sua cadeira de comando. Era sua primeira missão de combate, seu primeiro comando. Um cruzador feito às pressas, um dos líderes da frota. A vivência de milhares de anos não aplacava a tensão. Vidas estavam em suas mãos. Olhou em volta. Rostos conhecidos, amigos que estiveram ao seu lado nos piores momentos de Agator, e agora, juntos, iam lutar uma batalha que até mesmo ele temia. Sentia-se acolhido, como se estivessem novamente ombro a ombro naquela pequena nave de carga em sua fuga.

À sua direita, Karas, o simioide gorila de quase dois metros de altura. Seu pelo preto e lustroso fazia contraste com o novo uniforme vermelho de Primeiro Oficial. Sentia-se

visivelmente desconfortável, talvez por estar apertado demais. Muriell confiava plenamente nele.

À sua frente, nos controles de pilotagem, só poderia ter uma pessoa: Azrael. Um goodlesiano como ele, perito em pilotagem. *"Consigo pilotar qualquer coisa"*, como dizia. Apesar de parecer trivial para ele, uma batalha era sempre uma lembrança amarga do passado. Foram tantas... e muitas ainda viriam. Seu planeta merecia a verdadeira paz da Autoridade, e para isso acontecer, ele deveria ser resiliente. Ao se sentar em seu posto, pôde, pela primeira vez, sentir aquela nave. Grande, cheia de emaranhados de placas, fios e conduítes. Mais que isso, ele podia sentir cada uma das almas que formavam aquela tripulação. Seus dedos percorreram livremente o painel; mais que um objeto, ela era uma esperança.

— Comunicação, faça contato com o Major Spike Pollux, por favor — pediu Muriell. — Major na escuta. — Spike, tudo certo aí? — Tudo certo. Assim que vocês partirem, nós seguiremos para Antares. — Ótimo. Que a Autoridade os guie, meu amigo! — desligou Muriell. *"Me deseje sorte, Kurama"*, pensou. — Vamos lá, Azrael. Vamos para a Batalha. Coordenadas para Gacrux. — Coordenadas para Gacrux prontas. — Acionar.

Enquanto saltavam para a dobra espacial, Muriell pensava: *"Está nas mãos de Spike libertar a família imperial, mas e se os invasores já tiverem se adiantado? Seria um grande baque para o Tyran. Espero que corra tudo bem."*

Embarcação médica da Rebelião

A Pontuar²³ Peltas era a maior fragata médica dos rebeldes. Sob o comando do Capitão Alessio Maltar, fazia as vezes de hospital de apoio. Não ia diretamente para a guerra, mas ficaria na retaguarda. Era um alvo que iam ter muito prazer em destruir, por isso todo o cuidado era necessário. Mesmo sendo um hospital orbital, ela tinha um poder de fogo moderado, canhões de laser e duas torpedeiras, além de um escudo mais bem projetado.

Tyran Alheus estava servindo ali. Era o oficial médico chefe da campanha. Coordenava todos os postos de enfermaria, estava pronto para receber os feridos e, na hora certa, se fosse preciso, fugir dali, levando-os. Tyran dava ordens na enfermaria para organizar melhor o que iria acontecer. Ia receber todos os tipos de ferimentos, alguns impossíveis de serem tratados com camas biomédicas. Cirurgias talvez fossem necessárias, e ele seria o principal cirurgião. Além disso, teria que mostrar um fino trato em administrar toda a balbúrdia que era uma enfermaria de guerra. Havia deixado para trás sua ascendência imperial para se dedicar à vida na rebelião. Não entendia por que o irmão aceitava os ataques dos invasores às colônias e acabou por se distanciar. Hoje ele era apenas o Tenente Alheus e tinha vidas para salvar, mas poderia ele salvar a vida de seu irmão em terra? Spike, seu amigo canusiano, era o responsável por salvar a família imperial. Estariam ainda vivos? Rezava para que sim.

Sistema Gacrux – Órbita do planeta Sental

A Frota Branca saiu de dobra na órbita do planeta Sental, uma pequena colônia antariana na órbita da gigante vermelha Gacrux. A Armada Veneno imediatamente lançou o primeiro ataque com seus encouraçados Arturianos. Eles contavam com 310 embarcações entre naves Arturianas (a maior parte), Vazzionianas, Mizzarianas e Hiverinas. As fragatas

de Vazzios logo entraram em combate com as de seus irmãos de Goodles por serem do mesmo tamanho e de tecnologia semelhante. Os barcos mizzarianos, extremamente potentes, e as resistentes hiverinas seguiram para o flanco direito, o mais sensível. O planeta abaixo, uma pequena colônia antariana abandonada, era um observador silencioso do combate, mas luzes brilhavam de todos os pontos.

“Idiotas, vieram para a morte” – pensou o Comandante Kyr’Kandra de Mizzar olhando pela tela do comando. – Força total nos motores, vamos pegá-los.

O combate permanecia duro, destroços e explosões por todos os lados. — Reforcem o flanco direito, Capitão Muriell! — avisou pelo comunicador o Almirante Pastiano. — Entendido, almirante! — respondeu Muriell. — Azrael, vamos para o flanco direito ajudar os goodlesianos. Atenção, Almirante Rafael, estamos indo prestar apoio. Capitão Vortavox, vamos precisar de apoio naquela posição. — Entendido.

Foram tantas as batalhas e Azrael lembrava-se de todas. Muitas ainda viriam e seu planeta merecia a verdadeira paz da Autoridade e para isso acontecer ele deveria ser resiliente. Em seu posto sentindo o leme tremer na força da urgência, sentir a guinada abrupta carregada de urgência. Uma máquina complexa, ela era mais que isso, ele podia sentir cada uma das almas que formavam aquele conjunto. Seus dedos percorreram livremente o painel, mais que um objeto ela era uma esperança.

Mudando de posição, passaram a apoiar o flanco direito enquanto os encouraçados cuspiam turbo-lasers como se fossem relâmpagos de uma noite tempestuosa. A força de fogo dos mizzarianos era o mais perigoso. Perfuravam fundo a formação, lançando destroços e pessoas pelo espaço. Seus corpos rapidamente congelavam no vácuo. Duas corvetas canusianas foram partidas ao meio. Os escudos pouco efeito faziam aos lasers verdes como veneno dos mizzarianos.

— Preciso de apoio aqui com os mizzarianos! Elas são muito resistentes. Solicito apoio! — pediu a almirante Muscava. — Vire o leme todo a estibordo, navegador! Artilharia máxima nos mizzarianos! — ordenou o Almirante Pastiano aos seus oficiais.

As ordens eram recebidas e rapidamente executadas. A mínima demora era fatal. Enquanto aguentavam, mais embarcações eram destruídas. Todos esperavam o apoio militar. Seus corações estavam pesados com a destruição que se montava à sua frente. Se nada fosse feito, eles seriam apenas pedaços na órbita do planeta.

Uma explosão retumbante. As estrelas sumiram. Silêncio no comunicador. O cruzador do Almirante... partido ao meio. Muriell estava no comando agora.

— Ao meu comando, todos os canhões na nave líder Arturiana à frente. Fogo!

Em uníssono, atiraram, mesmo que deixassem uma brecha para um contra-ataque. O encouraçado pendeu de lado, perdendo estabilidade e levando com ele dois cruzadores Mizzarianos, mas do lado da Frota Branca as perdas já eram muitas. Os destroyers hiverinos se aproximavam das fragatas médicas que atacavam à distância.

— Muriell, se não fizermos nada e Zustras não chegar logo, temos que deixar o combate! — afirmou Tyran. — Tyran, é você? Cadê o Capitão? — perguntou Muriell. — Está morto. Assumi o comando — respondeu, pesaroso.

Imperial Arturiana

— General, estamos nos aproximando do sistema Gacrux — informou o navegador. — Postos de combate. Alerta de combate! Frota Imperial, ataque maciço às naves canusianas. Vamos acabar com esse teatro.

Os olhos do General Thade estavam frios e sua voz, coberta de autoridade. *Karas, o traidor, estaria naquele combate. Em alguma nave dos rebeldes, com certeza. Ia mostrar para ele o quanto a sua raça pode ser guerreira e jamais esquecer uma afronta! Ele pereceria com seus novos amigos.* A raiva era visível no general, que pressionava o maxilar, acentuando-lhe o semblante fechado.

— Todo o fogo concentrado na armada inimiga. Fogo! — deu a ordem. Os canhões de laser e os torpedos fotônicos despejaram sua carga. Era o fim dos rebeldes, mas, como se o espaço fosse rasgado, 72 embarcações canopulanas apareceram na frente da imperial arturiana, bloqueando o mortífero ataque. Os destroieres canopulanos, com seu design único, parecidos com submarinos espaciais, tinham escudos potentes, assim como seus canhões de hidróprótons, tecnologia desenvolvida em seus mares profundos. Os tiros da Imperial fizeram pouco efeito e Thade, enlouquecido na ponte de comando, gritava: — Manobras evasivas, seus idiotas! Força total nos escudos dianteiros!

Era tarde demais. A saraivada de tiros dos canopulanos era como uma cascata esverdeada que dizimava as naves inimigas.

Evemar – Destroier líder canopulano

— Fogo! Não!! Águaaaa. Soltem o cardume de tubarões — gritou o Almirante Mossula Pondar. — Artilheiros, aos seus postos! Quero ver destroços!". Dois grupos. Vinte para cada lado da batalha. Atirem à vontade, vamos pegar os grandões para colocar na parede! Livrem nossos companheiros da artilharia inimiga quero essa água fervendo!! Deixem que eu cuido do Thade. Marujo Zustras, chegamos bem a tempo! — sorriu o almirante com seu cachimbo de bolhas no canto da boca.

Zustras, de olhos esbugalhados e segurando firme na poltrona não conhecia o almirante e ao perceber a tática de combate, ainda sem sair de Canopus, ficou alarmado. “*O canopulano é no mínimo louco*”, pensou. “*Toda a força na frente do combate.*” Ele confiava mesmo na força de suas embarcações e não decepcionou. Foi providencial.

— Sem dúvida, almirante! Sem dúvida! — respondeu Zustras. — Lançar torpedos hidronitros! Fogo! Essa vai dar um jeito neles.

Os torpedos voaram como vespas e, ao tocarem os escudos da Imperial, explodiram com uma força impressionante. A quantidade de torpedos foi tamanha que os escudos caíram enquanto cada um deles colidia com fúria. As explosões em sequência levaram a Imperial a pender para o lado, enquanto destroços e tripulação eram arremessados no espaço. A ponte de comando explodiu em seguida, levando o comando arturiano.

Os Hiverinos, ao ver a potência das naves que chegaram, rapidamente se retiraram do campo de batalha, desaparecendo em dobra espacial. A batalha tomava um novo rumo, e a providencial chegada canopulana foi a responsável. Mizzarianos e Vazzionianos eram

destruídos, e destroços pairavam sob a órbita planetária. Ao final dos combates, a Armada Veneno estava destruída, e a Frota Branca festejava a sua vitória.

As equipes de busca trabalhavam incessantemente para encontrar sobreviventes nos destroços, seja quem fosse. Tyran acompanhava a chegada dos feridos, a lista de mortos só subia. Nomes que traziam um peso Pastiano, Maltar entre muitos outros companheiros, já passava de oito mil oficiais da Frota Branca; mais de oitenta mil do lado inimigo. As cicatrizes de uma batalha orbital eram muitas. Destroços, corpos mutilados e tristeza pela perda de amigos e parentes. O preço da guerra sempre é muito alto. Antares e Goodles estavam livres. Os invasores se retiravam para seus planetas longínquos, e o alto comando da frota passava a monitorar os buracos de minhoca que usaram para chegar ao núcleo galáctico. Descobriu-se que seus planetas estavam na orla interior da galáxia, longínquos e isolados.

Em Antares, o pesar e a dor pela morte da família imperial eram palpáveis. Tyran estava lá, o semblante pesado. O cheiro pungente das flores. Seu irmão tinha cursado um caminho perigoso que o matou no final. Autoridades de vários planetas sabiam que a guerra poderia voltar, e eles tinham que estar alertas. Tinham que se proteger, unidos.

A ideia unida. O cruzeiro tinha dado um caminho. A encruzilhada. A Batalha do Cruzeiro.

Ao fim das cerimônias Tyran sentou-se no pátio do trono no alto do Palacio Carmesim e olhava o céu noturno de Antares. Arnautos a lua brilhava cheia e os anéis deixavam vez por outra uma estrela cadente riscar o céu. “*Assumir o trono*” – pensava. *Seria capaz?* Perdido em seus pensamentos não percebeu a aproximação de almas companheiras. Muriell colocou a mão em seu ombro, leve como as penas de suas asas, enquanto Azrael bagunçava seu cabelo com as mãos e mostrava o seu sorriso contagiante. Zustras sentou-se ao seu lado. Karas e Spike ficaram atrás. Sem dizer palavra sabiam muito bem o que sentiam. Com eles apenas o barulho de uma capital em movimento. Unidos eles venceram.

A ideia unida, planetas unidos. União dos Planetas. Nascia a União dos Planetas Confederados.